

**III FÓRUM INTERNACIONAL DE DEBATES
PÚBLICOS ACERCA DO PLANO DIRETOR
CARIOCA: PARA MUITO ALÉM DO PLANO
E DA GOVERNANÇA DA CIDADE...**

**Das cidades vulneráveis às
cidades cuidadoras**

SANDRA VARGAS*



* Mestre em Cuidados e Gênero com perspectiva latino-americana pela CLACSO e Universidad UTI (ARG/EQU). Atua em projetos de planejamento territorial com enfoque de gênero, cuidado e sustentabilidade.

Boa tarde, gente. Meu português não é muito bom, assim que eu vou falar emportunhol. Qualquer dúvida, fiquem à vontade de perguntar. Desculpem se eu uso qualquer palavra ou termo de uma forma errada.

Eu vou tentar ser cuidadosa, mas podem ficar à vontade de perguntar, tá? Bom, pode passar os slides, por favor. Igual, eu agradeço muito, muito o evento. Me sinto muito honrada de estar aqui junto com vocês.

Agradeço muito este momento e acho muito importante, para os cuidados, que eles sejam visibilizados nesses espaços, que podem ser transversalizados desde diferentes enfoques. Fico muito contente com o painel que me está acompanhando. Muito agradecida, porque realmente elas falaram das leis, de tudo isso que eu não sei, eu sou (da área) social. Então, aí também me desculpo, não sei falar de leis, de normas, mas acho muito interessante isso, porque, realmente, todos vamos na mesma linha, mas com diferentes óculos. Então, é importante ter essas visões diferentes.

Eu conto um pouco para vocês. A gente está trabalhando lá na Colômbia, na cidade de Medellín. A gente começou agora a trazer o tema do cuidado, desde o campo transversal, com arquitetos, advogados, engenheiros, e realmente o objetivo é igual. Só que são necessárias todas essas disciplinas para poder conseguir territorializar essas coisas tão românticas, que desde o social a gente fala. O cuidado como algo muito bonito, mas aí a importância de que isso pode ser uma realidade.

Então, minhas companheiras já falaram do que é o cuidado. E aí dá para ver que vocês aqui no Rio estão tendo o mesmo enfoque que a gente. Então, o cuidado é aquele conjunto de práticas que sustentam a vida. O que falava a

professora Inês, desse direito. A gente lá também separa, desde essa perspectiva, o direito com essas três dimensões. A cuidar, sem sobrecarrega. A ser cuidado dignamente. E autocuidado com esse bem-estar e ser tão importante para as pessoas.

Eu sempre gosto de entender o cuidado e de ver que todas as pessoas, todos aqui, nós somos vulneráveis ao cuidado. Quem não precisou ou vai precisar de cuidado? Ou em algum momento da nossa vida vamos ter que dar esse cuidado? Pensa o pai, filhos, irmãos. Então, há necessidade de entender que todos podemos ser vulneráveis no cuidado. Fazer com que o cuidado realmente esteja no centro das decisões. Então, aí eu acho importante ter o cuidado nesse centro. O diamante do cuidado, que eu imagino que todos vocês já têm escutado, que realmente, historicamente, está sobrecarregado nas famílias, na comunidade, mas que agora é importante que na agenda política, o Estado atue. O Estado e o mercado. E as cinco regras do cuidado. Nós lá estamos territorializando, de reconhecer. O primeiro passo para entender o cuidado, entender o cuidado como um trabalho. E parar um pouco essa situação tão amorosa de que nós mães cuidamos porque é um ato de amor.

Então, entender que o cuidado é um trabalho. Realmente está atravessado pelo amor, claro que sim. Mas quando você começa a ver o trabalho como um cuidado, você consegue redistribuir essa carga, ou seja, consegue ver por onde eu vou redistribuir, o que eu tenho que fazer. Como eu reduzo essa carga do trabalho? Que infraestrutura tenho na minha cidade, no meu território? E conseguir essa distribuição. Mas aí também é uma coisa cultural.

A gente tem que ir transformando todas essas ideias. Eu não faço como você, mas você aprende. Muitas coisas podem ser aprendidas. E as mulheres também. Às vezes temos que dar esse espaço. Não vai ficar como eu quero. Não vai ficar. Gente, ele vai aprender. Em algum momento, vai fazer. Então, é dar esse espaço para ir evitando essas questões de desigualdade.

Aqui a minha companheira falou sobre a economia do cuidado e essa pobreza do tempo. Então, elas já explicaram muito bem, normativamente, dessa necessidade de entender esse cuidado direto e indireto. Porque ela tem um filho, está dando o alimento, e é um cuidado direto. Mas o que acontece? Para esse filho ela tem que lavar a roupa, arrumar a casa, comprar a comida. Tudo isso faz parte desse cuidado indireto. E essas atividades todas requerem um tempo.

Então, você tem que ir comprar lá no supermercado. E aí tem várias estatísticas que perguntam para as mulheres o dia de trabalho delas. E as tarefas domésticas, elas não falam. Elas não reconhecem as tarefas domésticas como um trabalho. Mas perguntam para o homem, e o homem reconhece até tirar o lixo.

E aí é curioso porque nós, culturalmente, temos isso adentro. Mas tudo pode *cambiar*, tudo pode transformar. Então, é aí para que a gente está aí com essa questão.

Então, tudo isso é muito romântico, a gente já sabe, a gente sabe que tem muita desigualdade, as mulheres têm a sobrecarga do trabalho, do cuidado. O que pode fazer uma cidade? O que pode fazer um território? Então, a gente precisa ter um planejamento cuidador.

E é interessante, porque, ao escutar as palestras dos outros companheiros e tudo, o ambiental, o clima, todos falamos da mesma

importância de ter dados para eu poder fazer esse diagnóstico territorial.

No cuidado, acontece exatamente igual. Eu preciso saber onde estão as necessidades do cuidado, como elas se distribuem, qual é a caracterização das mulheres cuidadoras, que transporte tem elas, que infraestrutura do cuidado tem em sua volta. O que tem de creche, todas essas questões. Então, meu diagnóstico territorial tem que ser pensado desde o cuidado.

A participação das mulheres, básico, importantíssimo. Eu preciso escutar as mulheres, mas não com dinâmicas muito difíceis. Eu preciso pensar em metodologias amigáveis, para que esse conhecimento delas eu possa passar na realidade.

E aí, essa coisa bonita que vocês sabem fazer, que é a integração das políticas públicas, que eu acho *clave* em tudo isso, é integrar essas políticas para poder fazer realidades de tudo o que *venimos* falando.

E, por último, monitorar esses indicadores. Quando eu já fiz o diagnóstico, eu escutei as mulheres, eu sei quais são as necessidades do meu território, qual é a oferta que tem no território e qual é a demanda, aí eu tiro os meus indicadores, quais são as necessidades que eu posso fazer no meu território para melhorar, em prol desse cuidado.

Então, aí eu trouxe somente um exemplo, porque eu sabia que era pouco tempo, da infraestrutura do cuidado, que é um de tantos. E aqui a gente fala da infraestrutura do cuidado. Quatro pilares básicos que já falaram minhas companheiras. Acessibilidade universal e cobertura territorial. Então, precisamos de espaços que sejam acessíveis para todos, que sejam públicos e gratuitos, que tenham transporte, que consiga cobrir

todo o território. Eu sei que em cidades tão grandes a gente fica com o “não podemos”.

Gente, não é fácil. A gente está trabalhando lá, não é fácil, mas você pode começar. Quando você começa, já vê um horizonte. Temos que começar com isso. A corresponsabilidade e aquela organização social do cuidado. Eu falei antes que esses atores, o Estado, o mercado, a comunidade, elas fazem o trabalho de corresponsabilidade nessa tarefa do cuidado.

A diversidade de serviços. São os quatro atores principais. Estado, mercado, família, comunidade, mas que sejam equitativos. Que sejam uma corresponsabilidade equitativa. Essa diversidade de serviços, cuidar e ser cuidado.

Então, não esquecer que a gente que precisa de cuidados, elas estão mais *nombradas*, mas a pessoa que dá o cuidado precisa de um respiro. Precisa ter um respiro para poder fazer essa tarefa de cuidados dignamente.

E a sustentabilidade e a integração com o território. Então, tudo isso fica muito bonito, mas como eu vou sustentar isso no tempo? Porque tem muitas políticas que realmente no final, depois não podem ser postas em prática ou fica mais difícil. Então, realmente, eu acho importante que o cuidado entre nas contas nacionais para poder fazer tudo isso realidade.

E aí, eu trouxe para vocês um exemplo rapidinho. Lá na Colômbia, um referente internacional, eles chamaram *Manzanas del Cuidado*. A tradução em português seria Quarteirões do Cuidado. Espero que esteja certa.

Então, o Quarteirão do Cuidado. Bogotá é uma cidade com 8 milhões de pessoas. Então, é possível. É possível fazer alguma coisa.

Então, a infraestrutura que eles criaram lá, essa infraestrutura oferece para as pessoas cuidadoras apoio psicossocial, apoio educacional para as mulheres, técnico. Oferece também apoio jurídico e oferece também essa parte do respiro que está importante.

Então, eu como mãe, eu vou lá e no mesmo espaço, eu consigo resolver muitas coisas. E meu filho vai estar bem cuidado. Porque é uma equipe multiprofissional que está trabalhando lá dentro desse espaço. E é um serviço para todos. O mapa, aí vocês veem que está distribuído mais ou menos em todo o território. Ainda falta muito. Mas eles agora têm uma estratégia: nos locais que a *manzana* do cuidado fica como muito distante, nesses lugares da periferia, vão ônibus. Ônibus que levam alguns desses serviços. Vão ônibus uma vez na semana. Então, eles levam o serviço de apoio psicossocial, apoio jurídico, todos os serviços.

Só que a ideia é que eles façam mais infraestrutura. Mas vamos lá, temos 25 *manzanas* do cuidado. Muitas faltas. Muitos desafios. Porque é uma proposta *novidosa*, mas tomara que eles consigam continuar com essa proposta que é excelente.

E, por último, eu gostaria que vocês pensassem na cidade de vocês, que é linda, maravilhosa. Como seria esse Rio cuidador. Então, entrar nesse imaginário da minha cidade como uma cidade cuidadora. Então, colocar os óculos do cuidado com o grau de Rio, que isso falava para mim uma professora. São óculos diferentes e grau diferente. Cada cidade tem as suas necessidades. Então, eu invito a vocês a que se imaginem sua cidade como uma cidade cuidadora. Muito obrigada!